

Função Transcendente

- ***Função transcendente***¹ - É a função psíquica que permite a geração de um símbolo entre conteúdos inconscientes e conscientes, pela confrontação de opostos. É essa função que permite que os conteúdos do inconsciente possam vir à consciência na forma de símbolos e fantasias.

Função transcendente e o sentido da vida²

Alinhar num mesmo trabalho as idéias e pensamentos de figuras eminentes da história parece ser um desafio impossível. Conciliar, por exemplo, o pensamento de Aristóteles com o de Platão seria impraticável se eles não tivessem pelo menos uma raiz comum. Mesmo contraditórias entre si, duas idéias podem ser encerradas numa terceira que as contenha. Utilizando-me da *função transcendente*, proposta por C. G. Jung, imagino poder encontrar em idéias conflitantes um substrato comum. Talvez, por nascerem do Espírito e perpassarem a *psiquê* humana, encontremos a explicação para tal possibilidade. É a função transcendente que proporciona a passagem de conteúdos inconscientes à consciência, através da confrontação dos opostos. Sempre acreditei que idéias radicalmente opostas não são excludentes, mas complementares. A exclusão do oposto implica na admissão da verdade absoluta, que se impõe sobre qualquer outra, o que não deixa de ser um absurdo, do ponto de vista filosófico.

Qual seria o objetivo de abordar tal assunto? O que os opostos que podem ser conciliados têm a ver com o mito pessoal e o destino humano? Não seria melhor deixar as coisas como estão? Não basta uma única opção para não confundir a mente de quem lê? Creio que não, pois não há limites para o aprendizado humano. A percepção do espiritual e a consciência da imortalidade da alma exigem algo mais complexo para a vida e para o funcionamento do Universo. O ser humano tem se valido de escolhas entre duas opções, fruto da unilateralidade da consciência, para decidir seu destino. Suas escolhas, automaticamente excluem os paradigmas integrantes de opções opostas, por negá-las veementemente. Ele apenas integra o que considera melhor para si, excluindo o que não percebe ou não aceita na opção oposta. Quando ele integrará à sua personalidade aquilo de útil e bom que constitui e faz parte do oposto à sua escolha? Certamente quando tiver coragem de mergulhar bem fundo dentro de si mesmo e entender o que o fez negar os componentes básicos do que rejeitou.

Mesmo em idéias contraditórias poderemos encontrar aspectos conciliadores que estão por detrás do sentido consciente que apresentam. Algumas idéias que não

¹ NOVAES, Adenauer. *Mito Pessoal e Destino Humano*. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2005, p. 251.

² NOVAES, Adenauer. *Mito Pessoal e Destino Humano*. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2005, p. 155-161.

são aceitas, frontalmente opostas àquelas que conscientemente se admite, têm seus postulados plenamente justificados no inconsciente. O que pode ser negado pelo consciente pode ser admitido no inconsciente. Quando uma pessoa afirma algo, o faz baseando-se em conceitos internos que possuam certo grau de coerência. Entender as razões que levam alguém a aceitar algo que se opõe ao que pensamos, possibilita a aquisição de conhecimentos ainda desconhecidos.

A tentativa de encontrar uma conciliação dos opostos visa reduzir a distância entre uma opção e outra na vida, já que é intrínseco à consciência separar, além de oportunizar um melhor aprendizado ao espírito. Isto sempre estará presente à consciência, em face de sua persistente unilateralidade de percepção. A possibilidade de analisar idéias opostas, enxergando-as como válidas, pode fazer a pessoa repensar as próprias. Da mesma forma, agir com empatia nas relações interpessoais nos aproxima realmente das pessoas, pois elas se sentirão compreendidas.

A tentativa de encontrar uma conciliação para idéias opostas não significa pretender deixar o leitor confuso ou sem opção em suas escolhas, tampouco transformá-lo em indeciso ou procrastinador de soluções. Diante de certos temas da vida e em situações de escolhas iminentes, torna-se difícil encontrar algo transcendente. A vida é a arte de fazer escolhas. Na dúvida para escolher uma entre duas opções, não se deve esperar por uma terceira, quando a situação se apresenta urgente.

Não se trata de encontrar uma síntese entre a tese e a antítese, mas superar ambas com uma proposta maior e mais transcendente, sem que signifique uma restrição ao que há de comum entre elas. Os elementos contidos numa proposta contrária à que se postula, certamente fazem parte de um repertório não admitido à consciência de quem a ela se opõe. Aqueles elementos compõem um ou mais paradigmas ainda inacessíveis. Fundamental para quem deseja crescer em todos os sentidos é tentar encontrar tais paradigmas, mesmo que a eles se oponha, por qualquer que seja o motivo.

A radicalização em torno de uma idéia filosófica, ou melhor, a manutenção de uma filosofia de vida estática, que não aproveite princípios daquilo contra o qual se opõe, fatalmente provoca a exposição de experiências para que eles sejam integrados. Toda radicalização contraria a dinâmica da vida, que exige ascensão. Todo ser humano é impulsionado a se movimentar na direção de si mesmo, através das experiências cotidianas. A própria Vida cria experiências e processos a serem vividos, a fim de que o indivíduo adquira tais princípios. Muitas vezes são experiências mal compreendidas e, em alguns casos, desagradáveis e com alto gasto de tempo e energia.

É fundamental que compreendamos a necessidade de, mesmo mantendo a certeza acerca de uma escolha, de uma idéia ou conceito a respeito de algo, entender seus argumentos contrários, buscando neles alguma idéia não assimilada. Em uma vida no corpo não se pode aprender tudo. Quanto mais busquemos integrar em nós

aquilo que nos é desconhecido, mais determinadamente vivemos e melhor nos situamos espiritualmente.

Como exemplo disso cito um fato que se deu com um paciente meu. Ele era um homem de princípios rígidos, cujo comportamento se dava dentro de limites quase militares. Pontual e rigoroso com suas obrigações. Metódico e perfeccionista em seus afazeres, evitava sair da rotina. Casou-se com uma mulher que se moldou à sua personalidade, tornando-se uma verdadeira serviçal. Tiveram três filhos, que cresceram e foram educados de forma rígida, segundo as orientações paternas. Seus filhos se tornaram pessoas sérias e contidas em suas vidas, porém sem quaisquer conseqüências graves para suas personalidades. Meu paciente, quando me procurou, tinha 52 anos e dois de seus filhos já estavam casados. Sua mulher não trabalhava, dedicando-se à vida doméstica. Era evidente que ele desprezava qualquer possibilidade de flexibilizar sua personalidade. Em seu trabalho era um exemplo de profissional correto e dedicado. De poucas falas, de hábitos simples e de caráter reservado. Um dia, o filho que ainda morava com ele teve um acidente jogando futebol com os amigos. Numa queda acidental, teve traumatismo craniano. Levado a um hospital não havia leito de UTI disponível. Os médicos informaram-lhe, recomendando remoção para hospital público. Tal providência foi tomada, sem prejuízo ao filho, que, após atendimento adequado e os cuidados médicos devidos, veio a se recuperar sem seqüelas, alguns dias depois. O incidente, embora grave, não teria grande repercussão em seu mundo íntimo, caso não tivessem lhe ocorrido alguns pensamentos perturbadores. Quando seu filho chegou inconsciente ao primeiro hospital, ele esperava pronto atendimento. Sendo negado, imaginou se não estaria em algum leito alguém que não merecesse ser cuidado tanto quanto seu filho, e que, portanto, devesse ser retirado para que este ocupasse o lugar. Chegou a pensar se os médicos não deveriam fazer eutanásia em alguém em estado terminal para que seu filho tivesse pronto atendimento e lhe ocupasse o leito.

Durante o período em que seu filho fora atendido até a convalescença e recuperação total, isso não o preocupou. Seus pensamentos e idéias lhe pareciam normais. Seu amor pelo filho justificara seus desejos íntimos. Passado o susto e vendo o filho sadio, percebeu a contradição em que se colocara. Sua rigidez fora quebrada, sua coerência interna havia sofrido uma cisão grave. Adveio a culpa pela injustiça para com seu semelhante. Seu mundo interno estava cindido entre o sentimento e a razão. Por esse motivo, seu *ego* ansiava por uma conciliação. A possível morte do filho e seu dilema interior com os pensamentos que teve o levaram a uma terapia. Sua contradição interna apontava para que aprendesse algo com o ocorrido. Por detrás de sua “injustiça” havia algo a aprender: flexibilizar sua vida e aprender a “ouvir” seu coração.

Em momentos de intensa emoção, na consciência existe uma contradição a ser resolvida. Passado o momento da escolha e independentemente das conseqüências havidas, deve-se refletir sobre a outra, ou outras possibilidades desprezadas. Tal reflexão geralmente é feita para se reafirmar a certeza de se ter escolhido a possibilidade “certa” e para se buscar o que se aprenderia, caso a decisão fosse

outra. Na contradição há algo a ser aprendido em todas as possibilidades de escolha. Não é necessário vivê-las uma a uma. Há experiências que não precisam ser vividas para se extrair lições importantes.

Parece que a Vida admite no mínimo duas possibilidades de entendimento a respeito das coisas. A afirmação pura e simples, de que algo é tal coisa, contém a contradição de que pode ser diferente. Todas as coisas podem ser vistas ou expressas de diferentes ângulos. A Vida nos ensina por caminhos tão obscuros quanto pelas formas mais simples ao entendimento. É preciso estar aberto e disponível à percepção não convencional nas experiências da vida.

Quando ansiamos por entender qual o sentido da vida, levamos nosso pensamento e imaginação àquilo que não é concreto ou que nos tira da materialidade. Tudo leva a crer que há algo de subjetivo ou de espiritual no viver e nos objetivos da existência. Este raciocínio, válido num sentido, exclui o viver material e tudo aquilo que represente o oposto do subjetivo ou do espiritual. O sentido da vida é deslocado para uma das polaridades psíquicas. Não se consegue perceber que o sentido da vida emana exatamente da união de polaridades, quaisquer que sejam. A separatividade da consciência é útil a fim de focarmos escolhas, porém deve ser superada na medida que alcançamos a maturidade do *ego*.

Quando analiso, por exemplo, a vida de Jesus como judeu e um ser humano entre seus pares, comparando-o ao Cristo, símbolo máximo de uma religião, percebo que em ambos devo encontrar significados complementares. O cristão que adota um em detrimento do outro, deixa de aprender importantes lições para sua vida. Em Jesus, como ser humano comum, está a singularidade, no Cristo, pelo fato de ser um Espírito Superior, está a humanidade. Jesus era humano, o Cristo divino. São polaridades que, encontradas num mesmo indivíduo, devem ser conscientizadas e integradas por qualquer ser humano.

Assim também se dá com os conceitos de bem e de mal. Em ambos se pode tirar lições para a vida. Negar o mal e adotar o bem é radicalizar um aspecto da vida. Isso não significa adotar ou agir com o mal, mas necessariamente entender o que existe no mal para que precise ser negado e rejeitado de forma tão radical. Em tudo se deve buscar significados ocultos, pois a Vida parece esconder algo quando se tenta negar a realidade das coisas. Não se deve temer o mal, mas compreendê-lo como uma forma de percepção da realidade.

Um outro exemplo de conflito pessoal, no qual a *função transcendente* deveria ser explorada, é quando uma pessoa ama outra, é feliz ao seu lado, mas deseja trair por algum motivo não tão claro. Mesmo vivendo um relacionamento estável, sente-se atraída por outra pessoa, vindo, por vezes, a se envolver por breve ou longo tempo. Diante de duas escolhas, sendo uma delas a mais lógica e menos sofrida, como transcender à outra, aprendendo? As razões para viver uma, estão na consciência; para experimentar a outra, as razões estão no inconsciente. Simplesmente reprimir ou entregar-se à opção de trair poderia não proporcionar o aprendizado necessário, como também, não removeria aquilo que, no inconsciente, é causador do dilema. A *função transcendente* deverá proporcionar uma saída

adequada, vinculada às causas inconscientes. A estimulação da *função* decorre do intenso desejo em encontrar uma saída, sem a pressão da escolha entre as opções antes vislumbradas. Não se trata apenas de decidir entre fazer uma ou outra coisa, mas em mergulhar em si mesmo e intuir uma outra possibilidade. Seria de bom alvitre a execução de uma atividade qualquer, que não seja por fuga, visando abrir possibilidades à manifestação de símbolos a serem proporcionados pela *função transcendente*. No exemplo do desejo de trair podem existir componentes psíquicos inconscientes relacionados à liberdade e à necessidade de transgressão.

Devemos desenvolver o hábito de usar a *função transcendente* nas experiências da vida que nos obrigam à tomada de decisões, evitando radicalizar sem flexibilizar opiniões, conceitos e escolhas. O uso da *função transcendente*, de forma consciente, representa aquisição importante na caminhada do espírito, em direção ao *Si-Mesmo*.

É sempre salutar não eliminar sumariamente os argumentos de uma opinião contrária à nossa. Certamente são úteis para a compreensão do que se encontra oculto à nossa percepção.

Realidade transcendente³

Um dia soube dos diferentes e fantásticos formatos dos flocos de neve. Encantei-me ao constatar que apresentam formas geométricas, num caprichoso mosaico bem concebido pela Natureza. Jamais imaginaria que houvesse tanta criatividade num simples flocos de neve. Acostumado a observar apenas o formato das grandes coisas e a causalidade dos eventos, não me dava conta de que a Natureza não age aleatoriamente, demonstrando em cada processo a existência de algo transcendente, que permeia tudo. Assim como a beleza e a inteligência existe na matéria, fora dela o espetáculo é muito maior.

Muito embora o fenômeno maravilhoso da vida exista para qualquer um enxergar, é preciso ir mais além para alcançar o que há de transcendente na Natureza. É necessário estar disponível a ela e interiormente aberto para assimilar o que nos tem a oferecer. Continuar com a estreiteza dos raciocínios preconceituosos e com a pressa dos que querem apenas se informar sem sentir, dificultará qualquer nova percepção.

A pobreza de nossos sentidos não permite que enxerguemos as maravilhas da vida material e, principalmente, da espiritual. Toda uma realidade ampla e complexa, imensamente encantadora, além da natureza material que nos cerca e na qual nos inserimos, nos convida a ampliar os sentidos para novas vivências.

Certamente o que nos espera lá adiante, quando não mais estivermos limitados a um corpo material, é muito mais do que nos afirmam as religiões. A conformidade

³ NOVAES, Adenauer. *Mito Pessoal e Destino Humano*. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2005, p. 163-166.

pode assegurar um destino favorável, porém sem a certeza de êxito. Em geral, ela condiciona e limita a criatividade do espírito.

É confortável saber que vamos atingir a perfeição e que ela é a meta de todos. Mas, o que de fato é a perfeição? Conservamos a imagem de que se trata de um estado em que as virtudes humanas estarão em seu grau máximo. Um grau máximo exige um mínimo para existir. A dialética ainda é a base da lógica da consciência. A alegação da falta de sentidos para a compreensão do significado da perfeição só posterga o mistério, além de inibir a criatividade.

Talvez o destino que nos aguarda lá adiante seja aquele construído por nós, cujas características contêm o que hoje pensamos que seja a perfeição. Além, há mais do que a beatitude dos santos ou a contemplação a Deus.

A consciência é um fenômeno recente na história da evolução humana, portanto sua estrutura ainda se encontra, em certa medida, em formação. O que intuímos a respeito da realidade além da vida corporal ou mesmo do significado da própria existência, é pobre em relação ao que realmente ocorre, cujo sentido profundo ainda nos é desconhecido.

O que se idealiza como realidade após a morte ainda é algo muito parecido ao que se percebe durante a estadia no corpo. Certamente os condicionamentos psíquicos tanto dos médiuns quanto dos espíritos comunicantes ainda não possibilitam uma melhor visibilidade a respeito.

O Universo parece nos querer surpreender com realidades melhores do que o ser humano imagina. O que nos espera, do ponto de vista espacial e estético, após a morte nos surpreenderá pela singularidade existente. É salutar imaginar algo de maravilhoso e fantástico.

Fora do estético e do espacial é inimaginável o que existe para além da racionalidade humana. O que nos aguarda quando alcançarmos níveis de entendimento superiores a respeito da Vida e do Universo certamente nos surpreenderá. Da mesma forma que o primitivo homem das cavernas jamais imaginaria as maravilhas da tecnologia, a exemplo de um simples e explicável aparelho celular, manuseável até por crianças pré-púberes, o ser humano de hoje não conseguiria conceber o que lhe reserva o futuro.

Dessa forma, aquele mesmo homem primitivo não tinha idéia do porquê das simples coisas que experimentava, nem sabia como se apropriar adequadamente dos recursos que a natureza lhe oferecia. Concebe-se, então, que o ser humano de hoje vive sem se aperceber do significado do existir e não se apropria adequadamente da totalidade do que a própria Vida lhe oferece.

A exemplo disso, a comunicação com os espíritos, sempre tão oportuna e fator de transcendência, é relegada a credice ou como pronto-socorro nem sempre valorizado. Claro que se trata da simples comunicação entre duas pessoas que estão em dimensões vibracionais distintas. Além disso, o meio de comunicação é a mente humana, portanto algo fisicamente não convencional. Tal contato se reveste de particularidades fantásticas, que merecem análise séria. É uma comunicação transcendente que deve suscitar idéias e emoções correspondentes. Quando se se

debruça sobre o assunto, percebe-se não só sua transcendência, como também a magnitude das conseqüências para a consciência humana.

Sempre que o ser humano se colocar em busca de experiências transcendentais, de forma assertiva, ele se depara com possibilidades cada vez mais amplas e que o levam a algo maior do que sua mente imaginária. Quando Galileu demonstrou o sistema heliocêntrico, a mente humana passou a vislumbrar possibilidades cósmicas mais amplas. Quando Einstein demonstrou a Teoria Geral da Relatividade, a mente humana avançou na percepção do microcosmo atômico. Quando o Espiritismo trouxe os princípios que regem a vida espiritual, novos horizontes se estabeleceram na mente humana, colocando-a em condições de compreender sua própria imortalidade.

Não há nenhum conhecimento pronto e acabado. Tudo que se conhece hoje, não só poderá ser compreendido de outra forma, como também é patamar ou degrau para novas descobertas. Até mesmo antigas e clássicas interpretações de textos filosóficos, sagrados ou herméticos, merecerão novas compreensões, compatibilizando-as com a aquisição de faculdades psíquicas adquiridas.

É quase que uma obrigação ao ser humano ir em busca de experiências transcendentais. Permanecer na materialidade ou contentar-se com a vida sem experiências *numinosas*, equivale a limitar-se ao rio, sem aspirar alcançar o mar, justamente por não ter consciência de sua existência.